

Projeto Zine Itinerante: educomunicação semeando a autonomia na escola

Lanna Luiza Silva BEZERRA¹

Yara MEDEIROS²

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

RESUMO

Este trabalho se insere no âmbito dos estudos da comunicação em sua interface com a educação: a Educomunicação. Descreve o itinerário percorrido para a construção da primeira experiência do Projeto Zine Itinerante, que buscou sintonizar a cultura zineira e o jornalismo ao processo de ensino-aprendizagem em turmas do Ensino Médio do Centro de Ensino Professor Edinan Moraes, situado em Imperatriz-MA. A criação dos zines foi por meio de oficinas lúdicas que remetem à concepção da pedagogia dialógica de Paulo Freire, cujo o propósito é semear a autonomia, de tal forma que a educação como um ato de comunicação seja responsável pela emancipação dos sujeitos. Essa prática de educação para os meios com o ensino das técnicas educacionais fomentou a produção de nove zines, em destaque o *Educazine* criado por iniciativa dos próprios estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: educomunicação; jornalismo; autonomia; zines; árvore dos sonhos.

Sementes da comunicação educadora

Tendo em vista o forte elo da Educação e Comunicação como principais instituições formadoras de opinião na vida social, o educador Paulo Freire (1987, p.123) alerta para a possibilidade que temos de “docilmente aceitar que o que vemos e ouvimos é o que na verdade é, e não a verdade distorcida, recortada e editada”. O geógrafo Milton Santos (2000, p.19), destaca que não é à toa que os meios de comunicação massificam a existência de uma aldeia global. Esse ato simbólico nos leva a “crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas”. Ele afirma que a globalização funciona como uma “máquina ideológica, feita de peças que se alimentam mutuamente e põem em movimento os elementos essenciais à continuidade do sistema capitalista”.

O processo de funcionamento dessa máquina, tende manipular e impor padrões alheios à sociedade local, fazendo com que, quase todos os âmbitos: sociais, econômicos, políticos e culturais passem por transformações por serem constantemente afetados pelo

¹ Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Maranhão, em 2016. É zineira por paixão e este artigo é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso “Zine itinerante: jornalismo em sintonia com a educação no Centro de Ensino Professor Edinan Moraes”. Email: lannaluizasb@gmail.com.

² Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). É estudante de Doutorado no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco. Email: santayara@gmail.com

discurso ideológico da globalização a serviço dos atores hegemônicos. Ainda de acordo com o estudioso, a busca pela uniformidade estimula o consumo, torna o mundo menos unido e mais distante do sonho de uma cidadania verdadeiramente universal.

Segundo, Baccega (2009, p.32), além de afetar a sociedade com o poder de persuasão indiscutível, a globalização tem levado, “as tradicionais agências de socialização – escola e família – a um confronto com os meios de comunicação”. A disputa é pela hegemonia na formação dos valores dos sujeitos. Diante desse embate, surge uma nova área do conhecimento, a Educomunicação, que busca pensar, pesquisar e criar diálogo entre as agências de socialização e, principalmente, desenvolver práticas emancipatórias de ensino com a adoção de técnicas de comunicação tais como o jornal na escola, programas de rádio, produção de vídeos e *fanzines*. O intuito é estimular a criticidade dos estudantes em relação a mídia buscando mostrar a influência e os modos de ação dos meios de comunicação.

Com base nessa perspectiva, surge o projeto educ comunicativo, desenvolvido como trabalho de conclusão de curso “Zine itinerante: jornalismo em sintonia com a educação no Centro de Ensino Professor Edinan Moraes”, defendido em março de 2016. A proposta se apoia em conceitos e práticas da comunicação, jornalismo, educomunicação e dos ensinamentos de Paulo Freire, principalmente em “Pedagogia da Autonomia”, obra em que o pedagogo brasileiro destaca que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 21).

Foi fundamental para desenvolver o projeto a leitura de Paulo Freire. O célebre educador denominou de “educação problematizadora”, toda iniciativa que visa desconstruir um modelo de ensino baseado no acúmulo de informações que segue criteriosamente os métodos tradicionais e disciplinares e que visa semear a autonomia.

Embora o educador não tenha deixado um legado de estudos e teorias sobre o cunho educativo do jornalismo (uma das áreas mais exploradas nesse projeto), as contribuições sobre o uso dos meios de comunicação na educação, para criar possibilidades de semear a autonomia é algo a ser destacado nos trabalhos de Freire. Diante disso, o projeto buscou integrar e experimentar um processo de ensino-aprendizagem com jovens do Ensino Médio com o intuito de formar sujeitos ativos na construção do conhecimento, focando as atividades no caráter educativo do jornalismo e da cultura zineira com a filosofia: “Faça você mesmo.

Para fomentar a educação problematizadora, desenvolve-se durante toda a execução do projeto a estratégia metodológica da pesquisa-ação, pois,

(...) esse tipo de pesquisa proporciona um processo de reflexão-ação-reflexão que ajuda aos professores a ter clareza sobre sua prática em sala de aula, promovendo mudanças de atitude necessárias para assegurar uma boa formação (PIMENTA; FRANCO, 2008, p. 25).

A pesquisa-ação é participativa na medida em que inclui todos os que, de um modo ou outro, estão envolvidos de forma colaborativa no processo. E foi a partir de oficinas lúdicas, sintonizadas com as disciplinas curriculares, que os alunos foram provocados a construir um meio de comunicação para jovens. O produto escolhido foi o fanzine ou zine.

Durante o processo foram produzidos 9 (nove) zines com metodologias diferenciadas: em parceria com os educadores dinamizando os conteúdos disciplinares (*Biozine* e o *Visão Jovem da Realidade*), por iniciativa dos próprios estudantes (*Educazine* N°0) e a partir da mobilização das salas de aula (*Educazine* N°1).

Entre essas propostas destacam-se as duas edições do *Educazine*, por ter sido o meio de comunicação para expressão dos jovens criada para divulgar conteúdos de interesse estudantil e, por ser um produto alternativo e independente que aglomerou estudantes de todas as séries, do primeiro ao terceiro ano, mostrando que a inserção das técnicas da produção jornalística e da zineira têm a potencialidade de desenvolver a autonomia dos sujeitos da escola. Neste artigo são apresentadas as etapas desenvolvidas, trazendo o trabalho de diagnóstico e o relato das oficinas realizadas.

Solo fértil para a autonomia

Segundo Martín-Barbero (2007), com a globalização vieram o desenvolvimento e a intensificação de meios de comunicação e informação, nos quais foram se formando novas dinâmicas no âmbito do pensar, do sentir e do perceber no entorno social, em especial na juventude, que tem deles uma apropriação mais intensa.

A informação e o conhecimento são hoje o eixo central do desenvolvimento social, e isso ainda mais nos países do chamado Terceiro Mundo, em países como a Colômbia, nos quais uma industrialização precária não impede que estejamos entrando numa sociedade cuja competitividade produtiva depende mais da informação e do conhecimento do que das máquinas, mais da inteligência do que da força (MARTÍN-BARBERO, 2007, p.53).

Levando essa discussão para o âmbito escolar, cabe aqui destacar que os indivíduos da sociedade contemporânea convivem diariamente com os meios de comunicação. Assistem a filmes, a novelas, influenciam-se pelas propagandas em gostos e costumes. Mas em sala de aula é comum perceber que a discussão sobre conteúdos midiáticos ainda acontece de forma superficial.

A esfera escolar é um espaço amplo para o desenvolvimento de práticas educacionais e ideal para promoção de atos educativos e comunicativos e das relações entre eles, é como um campo de diálogo, que incentiva o conhecimento crítico e criativo, para a cidadania e a solidariedade. Além de ajudar a construir uma nova área do conhecimento, que firma-se, principalmente na América Latina: o campo de mediações, denominado Educomunicação.

Por isso, para embasar a estrutura do corpo teórico-prático de todo o projeto, optou-se pelas técnicas de Educomunicação. É uma área do conhecimento que busca pensar, pesquisar e criar maneiras para trabalhar na elaboração e execução de vários projetos dentro dos ambientes escolares formais e informais, especialmente dos países latino-americanos. Para o pesquisador Soares (2004) esse novo campo do conhecimento é um:

(...) conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo os relacionados ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem (SOARES, 2003. p. 43)

A noção de que o jornalismo, de modo geral, é considerado todo exercício profissional de levar informações consideradas relevantes e de interesse público às pessoas que buscam nos meios de comunicação o conhecimento sobre o mundo, foi determinante para que os gêneros discursivos usados na produção jornalística fossem inseridos no ambiente escolar. A função socioeducativa dessa área, o torna oportuno e favorável para dinamizar o modelo de ensino, promovendo uma melhor interação entre educadores e educandos e, a realidade.

A relação entre as ideias de Paulo Freire e o Jornalismo, mesmo esse último campo não sendo objeto central de suas obras, é explorado por Eduardo Meditsch em parceria com Mariana Faraco, no artigo “O pensamento de Paulo Freire sobre jornalismo e mídia” (2002), em que os autores buscam extrair das obras de Freire suas opiniões sobre o papel dos meios de comunicação de massa e da imprensa, que aparecem dispersas em seus livros,

os autores aproveitam também trechos de entrevistas com familiares e amigos próximo que demonstram a potencial educativo do exercício jornalístico.

A prática jornalística é também uma prática educativa. Quando você terminar esta entrevista, saberá mais coisas do que sabia antes, não só porque eu te informei, mas também porque você elaborou dentro de si outros conhecimentos. O próprio acompanhamento da entrevista e as perguntas que você vai fazendo ao escutar-me te dão possibilidade de conhecer mais. Repito: a prática jornalística é uma prática educativa. Educativa para o bem ou para a deformação, para a ética ou antiética, mas existe sempre como uma prática educativa (ARAÚJO FREIRE, 2001 *apud* FARACO; MEDITSCH, 2002, p.9).

José Marques de Melo propõe a reflexão sobre o jornalismo também se baseando nos ensinamentos de Paulo Freire, segundo ele, é preciso discutir as possibilidades de percepção para a mobilização crítica por meio do jornalismo, e ainda acrescenta que para romper com o imobilismo é preciso além de inserir “conteúdos novos” no discurso pedagógico.

É necessário experimentar potencialidade da utilização dos jornais diários e revistas semanais em sala de aula como motivadores das disciplinas convencionais atrelando ao ensino-aprendizagem a realidade construída pelos meios de comunicação (...) esse tipo de atividade consiste numa reconsideração sobre a natureza política do jornal, de modo a levar o educando a compreender que não existem jornais neutros, nem tampouco informações puras (MELO, 2006, p. 166).

Tanto na preparação de um leitor crítico quanto na formação de produtores de conhecimento por meio da prática jornalística na escola é necessário o ensino dos gêneros discursivos usados no jornalismo. Para o pesquisador Alves Filho (2011, p. 20), “o exercício de utilização dos gêneros favorece para que seja feita a reflexão sobre a classificação e quais as reais utilidades, propondo uma compreensão acerca do propósito comunicativo de cada um”. Relatos pessoais, entrevistas, charges, editoriais e artigos de opinião, crônicas, propagandas, comentários e, carta ao leitor, todos esses gêneros podem ser trabalhados em sala de aula correlacionados com diversas matérias.

Magalhães (1993) lembra que “Por onde passou a ser uma expressão artística e um recurso para disseminar ideias.” No caso da escola, o fanzine ou zine pode ser uma produção interessantíssima, sendo concretizada de forma coletiva por educadores e educandos, a partir de um tema do conteúdo, essa ferramenta pode também assumir o papel de um veículo de comunicação entre os diversos segmentos da escola e para além dos muros.

O que mais chama a atenção no fanzine é justamente o processo de elaboração, pois todas as etapas geralmente ficam a cargo de um editor ou de um grupo seletivo, levando-se

em consideração o tempo, o investimento e até mesmo o interesse dos fãs pelo tema e pelo produto. Magalhães (1993) afirma que os novos autores encontram nos fanzines um dos únicos “espaços para publicação de sua obra, visto que o mercado não disponibiliza veículos que deem vazão ao fluxo da produção dos autores nacionais, muito menos os trabalhos dos novos artistas”.

Devido à praticidade e o custo reduzido, os fanzines, na maioria das vezes, são confeccionados em papel sulfite, no formato Ofício ou A4, colorido ou P&B, compostos por colagens, fotos, ilustrações ou desenhos. Para se produzir um fanzine, não há um padrão a ser seguido. O modelo vai depender da criatividade do seu editor. Já a tiragem e a periodicidade são outras características que não seguem regras.

Conhecendo o solo fértil: a escola

Para seleção da escola foram definidos alguns critérios: a disponibilidade em receber projetos extracurriculares, estrutura e garantia financeira para a reprodução do zine, ser da rede pública e que oferecesse o Ensino Médio, pois a faixa etária foco do projeto estava em jovens de 15 a 16 anos.

O Centro de Ensino Professor Edinan Moraes³ (CEPEM) foi escolhido por apresentar os critérios pré-estabelecidos e também pelo histórico de envolvimento com projetos extracurriculares. A proposta do projeto foi então elaborada após a realização de entrevistas com os educadores, a direção, supervisão e alguns estudantes da escola. Essa técnica de pesquisa por meio de entrevistas “é uma forma de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitados aos sujeitos pesquisados (...) que visa aprender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam” (SEVERINO, 2007, p.124).

O processo de observação da escola se deu no primeiro semestre de 2014. Na época o CEPEM recebeu em seu quadro de profissionais monitores do Programa Mais Educação⁴.

³ O Centro de Ensino Edinan Professor Moraes (CEPEM), localizado no bairro Parque Anhanguera, Imperatriz-MA.

⁴ O Programa Mais Educação constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino, que amplia a jornada escolar nas escolas públicas para o mínimo de 7 horas diárias, por meio de atividades nos macrocampos que vão da educação ambiental, direitos humanos (à) inserção da comunicação e o uso das mídias. Foi criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007.

Nesse primeiro contato com a escola, foram realizadas oficinas de cinema e fotografia para auxiliar os educandos na produção de curtas-metragens no *Projeto Curta Imagem Negra*⁵.

Projeto Zine Itinerante: semeando a autonomia no CEPEM

Todo o processo de implantação do projeto e de formação da comunidade escolar com a elaboração dos zines durou um ano e um mês. Teve início em fevereiro de 2015 e culminância em março de 2016. Vale lembrar que o planejamento em projetos educacionais não é engessado. De acordo com as forças externas (greves), necessidades da escola e com as descobertas ao longo do processo, o projeto foi sendo ajustado. Planejar e re-planejar foram palavras-chave nesse itinerário.

A turma escolhida pela maioria dos professores foi a do 2º ano C. Essa turma foi apontada por apresentar menor desempenho escolar de 2014 e, em razão de ter os mesmos alunos reunidos em 2015 facilitou o processo de escolha. O comportamento agressivo e a dificuldade de concentração foram destacados. Por esse motivo percebeu-se a necessidade de metodologias mais ativas. Para viabilizar o andamento do projeto, os professores cederam horas-aula para a execução das etapas.

Posteriormente, com o decorrer do processo e por despertar a curiosidade nos demais estudantes, viu-se a necessidade de apresentar o projeto para as três turmas de 2º ano matutino (A, B e C). Também foram incluídas as salas de 3º ano, todas do período matutino. Devido à grande quantidade de estudantes foi preciso repensar as metodologias de produção, já que inicialmente apenas uma turma iria vivenciar a experiência.

Para dinamizar o processo, foi sugerida à escola a subdivisão do projeto em etapas:

a) Planejamento: Nesse momento definimos como seria o projeto, após reuniões com a direção e participação no planejamento pedagógico anual. Aqui o projeto passou por processos de adaptação;

b) Sensibilização: Momento de integração de toda a comunidade escolar por meio de apresentações do projeto aos professores, aos educandos, como também a verbalização e *viralização* da ideia pela escola por meio de cartazes produzidos no início de março;

c) Produção: O momento de construção, nessa etapa a ferramenta pedagógica, o zine, começou a ser elaborado sendo subdividida em três fases: 1. Pesquisa e produção de conteúdo; 2. Produção técnica; 3. Edição e 4. Finalização;

⁵ Projeto de produção de curtas-metragens que visa incentivar e valorizar a cultura afrobrasileira, orientado pela professora de Artes e Literatura da escola, Eró Cunha.

d) Avaliação: Ocorreram durante o processo. A cada finalização de produção era realizado uma conversa para ouvir a opinião dos estudantes e professores. Momento de avaliar a qualidade da aprendizagem durante o processo, observar os avanços qualitativos dos alunos participantes do projeto, e analisar as potencialidades e fraquezas da peça de comunicação produzida, corrigindo os eventuais problemas para a edição;

e) Lançamento: Foi o momento de exibição dos resultados do projeto para a comunidade escolar. Houve dois lançamentos, um na *Feira de Ciências* da escola com a edição nº 0 (número zero) do *Educazine*, e em março de 2016 houve um momento de exposição dos zines produzidos na escola e lançamento da edição nº 1 (número um).

Essa subdivisão em etapas aplicada no projeto é baseada no modelo metodológico idealizado pela Cipó Comunicação Interativa⁶. Cada fase é fundamentada na linha teórica de Paulo Freire, sendo que a ideia base é a educação como diálogo e prática de liberdade. Adaptadas a esse trabalho, as etapas passaram a consistir em reuniões de pauta, seminários, oficinas, produção em sala de aula para elaboração de conteúdo e do design gráfico, e também, reuniões para a finalização do produto.

Árvore dos sonhos: desenvolvendo a consciência crítica de forma lúdica

Utilizando-se das técnicas do jornalismo, a então estudante formanda em jornalismo foi responsável pela organização do fluxo criativo dos alunos na produção de todo material e teve participação ativa na elaboração do conteúdo jornalístico para o zine sob o auxílio dos educadores da instituição. A professora de Língua Portuguesa/Artes, Eró Cunha, acompanhou o processo e somou-se ao projeto a professora de Biologia, Ijanes Guimarães, que ficou responsável em dar continuidade à produção de zines na escola.

A ideia central da criação do zine foi a produção de conteúdo: textos sob o ponto de vista dos estudantes sobre determinados temas (abordados ou não em sala de aula). Sendo esse o meio de comunicação em que eles poderiam praticar a escrita, desenvolvendo a consciência crítica daquilo que está sendo estudado, além de divulgar ideias para outros grupos de alunos do Ensino Médio.

Durante a primeira etapa de sensibilização foram explicitadas as fases dessa construção coletiva de um produto com caráter jornalístico utilizando a técnica do zine. Foi o início da aventura educativa por meio do jornalismo, com uma explanação sobre zines,

⁶ A Cipó Comunicação Interativa é uma Organização Não Governamental (*Ong*) que trabalha com Educação pela Comunicação, fundada em 1999 por comunicadores e jornalistas de Salvador-BA.

sua história e apresentação de alguns exemplares de diversos zineiros e do zine Sibita⁷, revista artesanal produzida por acadêmicos de Comunicação Social/Jornalismo de Imperatriz com temática voltada para a cultura do município.

Sobre universo da prática jornalística e zineira foi necessário discutir sobre o que é mídia, meios de comunicação e opinião pública. A dinâmica iniciou com uma breve explanação sobre o poder de influência da mídia em nossas vidas. Os alunos foram divididos em grupos para que fosse feita a leitura de reportagens em diferentes revistas. A proposta era descobrir a opinião intrínseca no texto. Nessa atividade os jovens tiveram a oportunidade de perceber que os conteúdos midiáticos estão diluídos em seus discursos e experiências cotidianas.

Os temas estrategicamente escolhidos foram sobre o processo de ocupação das famílias do MST em terras da União, reintegração de posse, negro na mídia, Guerra de Canudos, a Lei das domésticas da revista Veja, drogas e a repressão. Essa dinâmica foi realizada na aula de Língua Portuguesa em parceria com o Projeto Curta-Imagem Negra. Inspirado na discussão proposta pelo pesquisador em jornalismo, Nelson Traquina, em Teorias do Jornalismo, vol. 1. Foi discutido “porque as notícias são como são”, analisando-as e comparando-as com a construção da produção amadora de curtas-metragens feita por eles sem intenção de lucro. Esse foi o ponto forte de desconstrução e percepção de que os conteúdos midiáticos são também vinculados aos interesses dos donos da mídia.

Posteriormente, os estudantes foram provocados a participar de uma oficina lúdica utilizando a técnica participativa de construção da Árvore dos Sonhos⁸, que é o primeiro passo da Oficina do Futuro. Nesse exercício cada participante fez uma colagem com o tema que gostaria de ler em um zine. Eles foram orientados a responder: “Qual seria o conteúdo/tema dos seus sonhos em uma revista jovem?” A partir disso, foi construída uma árvore que categorizou de forma lúdica os anseios do grupo.

⁷ Zine criado em dezembro de 2014, é uma revista artesanal, que faz parte do projeto de extensão “Zine experiência”, coordenado pela professora do curso de Comunicação Social- Jornalismo, Yara Medeiros. Ele foi batizado de Sibita, em alusão à gíria regional “sibita baleada”, que significa pessoa magra, e também ao formato, uma folha de papel A4 dobrada ao meio na vertical, com 20 a 24 páginas e tiragem de 300 exemplares.

⁸A “Árvore dos Sonhos” é uma das atividades da “Oficina de Futuro” metodologia criada e desenvolvida pelo Instituto Ecoar para a Cidadania. É uma técnica participativa que tem como objetivo sensibilizar e envolver a população nas tomadas de decisões e resoluções de problemas. O uso dessa técnica pedagógica para construção de um zine coletivo foi testada primeiramente pelo projeto de extensão da UFMA Zine Experiência – Sibita: revista artesanal, em novembro de 2014, com orientação da professora Yara Medeiros.

Essa atividade fez da sala de aula um espaço de diálogo e de criação. Foram detectados vestígios da educação libertadora quando os alunos expressaram seus pensamentos, dúvidas e anseios quanto ao próprio aprendizado, conquistando a liberdade de expressão por meio das colagens produzidas em sala de aula. Com tudo pronto, o terceiro momento da oficina foi marcado pela montagem da *Árvore dos Sonhos*, em que cada aluno foi convidado a explicar a sua criação para a turma e colar o seu sonho/folha⁹ na árvore. O tempo inteiro, o convite à imaginação e ao pensar era reforçado. As falas dos alunos eram a própria “chuva de ideias” necessária para regar a planta do conhecimento.

Depois da árvore pronta, foi discutido como as revistas e os jornais são organizados, abordando a importância da subdivisão de temas em editorias. Durante todo o trabalho, os participantes foram orientados sobre a função do jornalismo. Na apresentação dos temas, os alunos foram estimulados a refletir, falar, comentar sobre as suas impressões a respeito dos padrões estabelecidos, sobre a mídia e, como os assuntos apontados por eles na colagem eram abordados nos meios de comunicação.

Um quarto momento, em outro horário de aula, a tradicional reunião de pauta¹⁰ foi realizada. Os estudantes eram os repórteres, a acadêmica de Jornalismo assumiu a função de editora-chefe e a professora Eró Cunha veio a ser, posteriormente, revisora do conteúdo. A sala foi organizada em círculo para romper com a hierarquização. Nesse dia surgiu o sentimento entre os alunos que as colagens se transformariam em algo mais sério e de responsabilidade para a confecção do zine.

Para finalizar o ciclo de formação sobre a mídia e o jornalismo foi proposta em sala de aula a atividade “Simulando o contexto de uma redação de jornal”, uma maneira divertida e bastante esclarecedora de trabalhar com os gêneros textuais. Indicada pelo professor e pesquisador, Francisco Alves Filho¹¹, no livro *Gêneros jornalísticos: notícias e cartas do leitor no ensino fundamental*, esse modelo de atividade propõe que a sala vire uma redação de jornal. Para isso, foram distribuídas manchetes para a montagem da primeira página de um jornal, a partir de notícias soltas. Nesse dia, trabalhamos com a estratégia de simulação de situações e contextos sociais, em que os alunos exerceram a função de editores de um

⁹ Sonho/folha foi um termo criado pelo projeto Zine Itinerante em sala de aula para aguçar a criatividade dos estudantes e para sentirem a sensação de serem sujeitos ativos no processo de construção do conhecimento. A ideia era reforçar que para árvore ficar formosa é preciso criar.

¹⁰ Reunião de pauta é o termo usado nas redações de jornalismo para o momento em que se discutem as pautas/propostas para reportagens.

¹¹ Professor adjunto da Universidade Federal do Piauí desde 1992. Tem várias pesquisas sobre texto, autoria e gêneros do discurso. A atividade aplicada em sala de aula é do livro *Gêneros jornalísticos: notícias e cartas do leitor no ensino fundamental*, da coleção *Trabalhando com... na escola* | 2.

jornal. A sala foi novamente dividida em grupos, as manchetes foram sorteadas com a orientação de que cada jornal tem um público-alvo específico, um com circulação nacional direcionado às classes A e B e, o outro com circulação regional voltado para as classes C e D da sociedade.

Fotografia 1 - Reunião de Pauta após a construção da Árvore dos Sonhos



Fonte: a própria autora

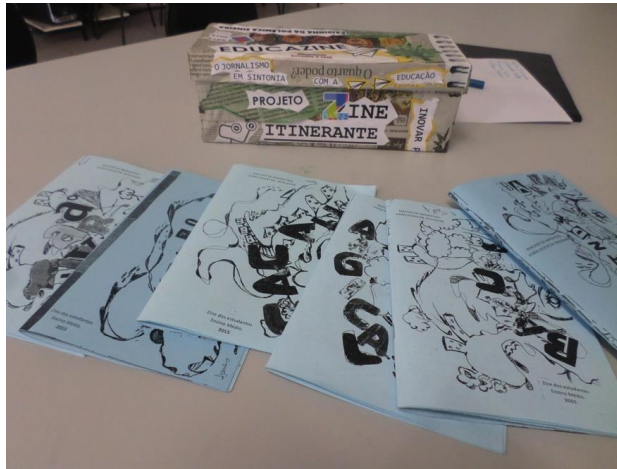
Produção dos zines e processos paralelos

Embora a criação da Árvore dos Sonhos estivesse inclusa na etapa de sensibilização, os assuntos propostos em cada sonho/folha foram trabalhados na etapa de produção. Temas como tecnologia, esporte, música, direitos humanos, feminismo, meio ambiente, dentre outros relacionados ao mundo jovem, tornaram-se pautas dos zines elaborados no processo.

Paralelo ao processo de formação com as turmas de 2º ano, a professora de Biologia, Ijanês Guimarães, adotou a metodologia de criação de zines nas aulas com o 3º ano. Foi discutido o conteúdo da disciplina e amadurecida a ideia de que é possível associar os conteúdos de anatomia e ecologia com a realidade e conhecimento dos educandos. Surgiu então a proposta de criar o “Biozine” e o “Visão Jovem da Realidade”.

A proposta de Paulo Freire adotada pelo projeto despertou na professora Ijanês Guimarães a vontade de renovar a interação professor e educando, contribuindo assim para uma formação mais livre com o desenvolvimento da autonomia entre os discentes. As turmas do 2º ano foram instigadas a criar páginas de um zine sobre assuntos relacionados à anatomia e outros temas da biologia dentro do *Biozine*, e as turmas de 3º ano ficaram a cargo do *Visão Jovem da Realidade*. O tema ecologia foi o mais trabalhado e as duas edições dinamizaram o conteúdo, explicando os temas de uma forma mais moderna.

Fotografia 2 - Riachos de Imperatriz – em *Visão Jovem da Realidade*



Fonte: a própria autora

Enquanto as primeiras páginas foram sendo produzidas, a autonomia dos estudantes foi dando forma ao itinerário do projeto. A cada mês que as práticas educomunicativas eram exercidas dentro da escola, surpresas demonstravam a contribuição que a educação para os meios propiciava aos membros do ambiente escolar. Exemplo disso foi a iniciativa de três estudantes do 2º ano B, Alizandra Reis, Daniel Mendes e Ingrid Bandeira, que se desafiaram em criar uma mídia alternativa para dinamizar os conteúdos considerados complicados pelos educandos.

Queremos criar um zine. Pensamos o quanto poderia ser legal a gente mesmo criar um método para ajudar os demais estudantes a entender conteúdos que nem mesmo a gente consegue entender. Podemos fazer um zine para apresentar na Feira de Ciências, pode ser o nosso projeto, pensamos no nome Educazine, e aí topa? (Informação verbal)¹².

O relato dos estudantes deu início ao processo de reconhecimento, que a metodologia usada e as estratégias de sensibilização e produção estavam construindo um novo cenário na escola, no qual os educandos passaram a se notar como sujeitos ativos na construção do conhecimento.

A etapa de produção do *Educazine* foi subdividida em três fases: Pesquisa, Produção de conteúdo, Produção técnica; Edição e Finalização. Ao todo foram sete encontros. Faltando pouco tempo para a Feira de Ciências, os estudantes optaram em fazer apenas uma edição/teste do *Educazine*, que seria o nº0 (número zero) e, em outro momento com o

¹² Bate-papo sobre a criação de um zine, em 13/05/2015, pelo trio idealizador do Educazine: Alizandra Reis, Daniel Mendes e Ingrid Bandeira.

amadurecimento de ideias seria elaborado o exemplar nº1 (número um) com a participação dos demais educandos.

A produção do zine *Educazine* nº 0 e 1 foi um laboratório para entender a estrutura composicional de cada gênero. Nas sugestões de pauta já era definido qual gênero seria elaborada para determinado tema. Portanto, na prática os estudantes perceberam como se dá o processo de construção dos relatos, entrevistas, charge, tirinhas, a escola de fotografia para ilustrar a notícia/ texto de cada página, podendo tomar consciência de que o uso da terceira pessoa pelo redator não garante um efeito de imparcialidade que tanto se almeja no jornalismo.

Figura 3 - Capa da edição nº 0 e nº 1



Fonte: a própria autora

As últimas etapas de atividades do projeto foram realizadas no lançamento do *Educazine* nº1 (número um) no pátio da escola, no dia 23 de março de 2016. Durante a produção de cartazes para decorar o espaço, os estudantes perceberam que o evento de lançamento da revista artesanal seria a primeira ação organizada por eles para a comunidade escolar e isso impulsionou toda a logística de montagem desse momento, denominado “intervenção zineira”. Mostrando a compreensão dos estudantes diante do que foi trabalhado sobre a cultura alternativa. O evento ocorreu na hora do intervalo ao som de músicas escolhidas pelo próprio grupo e se estendeu durante os últimos horários de aula.

A intervenção zineira inovando com autonomia

Essa iniciativa de educação para mídia cria oportunidades para que o público jovem conheça os meandros da produção profissional de produtos midiáticos, bem como de modo geral contribui para a formação de valores, mostrando a capacidade do jornalismo desenvolver a cidadania. Nesse cenário, a produção de zines adquiriu uma importância decisiva, com o ensino da técnica aos estudantes, originou-se um modelo de ferramenta para produção textual, divulgações de ideias e de atividades culturais e comunitárias da escola, essa foi a oportunidade para que estes sujeitos tenham acesso a um instrumento de comunicação e técnicas de elaboração e reprodução de informações de forma responsável.

Durante o processo foram sendo criadas novas perspectivas para a construção de uma educação mais dialógica, desenvolvida sob a ótica do respeito às diferenças e troca de ideias. Além do desenvolvendo da capacidade que a sintonia do jornalismo e da cultura zineira com educação tem de semear a autonomia.

As atividades coletivas e as reflexões críticas sobre a realidade incentivaram os atos de ler e escrever e ainda ampliaram a visão de mundo dos estudantes envolvidos. Diante de iniciativas como esta, baseada na compreensão de que ensinar é mais do que transferir conhecimento pode-se dizer que este projeto contribuiu na reafirmação do caráter educativo promovida pelo exercício de técnicas do jornalismo criando possibilidades para a construção de conhecimentos pelos estudantes.

Durante a montagem do Educazine número 1, foi criada uma estrutura parecida com de uma redação de jornal, o que rendeu um aprendizado de atuação como editora, coordenadora, facilitadora e professora. Mesmo trabalhando com uma equipe não profissional, o grupo de alunos passou por todas as pressões de fechamento, edição e produção de uma revista jornalística, o que possibilitou mostrar aos educandos, o quanto é complexo colocar a informação em circulação de forma responsável.

O processo também formou cidadãos com mais compreensão dos processos midiáticos, capazes de garantir produção de conteúdos e de processos da comunicação de boa qualidade. Além disso, o ensino das técnicas no ambiente escolar pode ter incentivado ao seu modo alguns dos jovens a seguir carreira em alguma área da comunicação.

Destaca-se que a importância social deste projeto é a possibilidade de atribuir uma nova visão a respeito da relação entre os meios de comunicação com a escola, oferecendo mais uma oportunidade de uso das mídias como geradoras de diálogo. Nesse sentido, deve-

se pensar que nas universidades, com cursos das áreas de Educomunicação, Jornalismo, Pedagogia, houvesse mais disciplinas curriculares alternativas concretas para que os acadêmicos desenvolvessem pesquisas de campo e tornem-se profissionais mais humanizados e com habilidades a desempenhar funções/atividades no campo da educomunicação levando a universidade também além de seus muros.

Esta é uma pequena iniciativa diante do desafio de educar. A apropriação da técnica por professores e alunos é uma grande recompensa desse itinerário. Esta etapa acadêmica conclui-se com a consciência de que este trabalho, assim como as teorias em que ele se embasou, constitui-se como uma obra inacabada que requer continuidade de estudos e práticas sugerindo novas abordagens e outros pesquisadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES FILHO, Francisco. **Gêneros Jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Trabalhando com... na escola).
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica**. São Paulo: revista Comunicação & Educação, ano XIV, n.3 set/dez. 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FERREIRA, Jeanne Gomes. **A utilização do fanzine no processo de comunicação participativa**. In: Anais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Recife – PE, 2012.
- MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine**. Ed. Brasiliense: SP, 1993.
- MARQUES DE MELO, José. **Teoria do jornalismo: Identidades Brasileiras**. Ed. Paulus, 2006 p. 280.
- MEDITSCH, Eduardo; FARACO, Mariana Bittencourt. **O Pensamento de Paulo Freire sobre Jornalismo e Mídia**. In: Anais do Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v.26, n.1, 2003. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1031/932>> Acesso em: 29 nov. 2014.
- PIMENTA, Selma G e FRANCO, Maria A. Santoro. **Pesquisa em educação. Possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento crítico à consciência universal**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. 174p.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, p. 23 a 29, 2011.
- _____, Comunicação/educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. Contato: Revista Brasileira de Comunicação e Artes, Brasília, v. 1 n.2, p. 19-74, 1999.
- _____, NCE: a trajetória de um núcleo de pesquisa da USP. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. X, n.1, p. 111-114, 2005.
- TRAQUINA, Traquina. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são**. 2. ed, V.1, Florianópolis: Insular, 2005.